

A EDUCAÇÃO EM DURKHEIM: A EDUCAÇÃO ENQUANTO CIÊNCIA NA OBRA “EDUCAÇÃO E SOCIOLOGIA”

EDUCATION IN DURKHEIM: EDUCATION AS A SCIENCE IN THE BOOK “EDUCATION AND SOCIOLOGY”

João Wilame Coelho Graça

Graduado em Direito e Teologia, Mestre em Filosofia (UFC) e Doutorando em Educação (UFC).

RESUMO

O artigo analisa o aspecto educacional da obra de Émile Durkheim. Tendo por base a obra “Educação e Sociologia”, expõe-se que Durkheim é, sobretudo, um sociólogo analisando a educação, o que significa que a preocupação central do autor não é analisar a educação enquanto técnica pedagógica para o aperfeiçoamento individual dos alunos, mas sim identificar a relação da educação com o conjunto da sociedade e de seu funcionamento. A visão de educação de Durkheim se fundamenta na busca do bem coletivo, pois para o mesmo a sociedade não poderia existir sem homogeneidade entre seus membros. Para o autor, a educação deve perpetuar e reforçar esta homogeneidade, fixando de antemão na alma da criança certas similitudes essenciais, reclamadas pela vida coletiva. Vista sob esta ótica a educação deve receber o título de ciência. Esta ciência da educação que se baseia no estudo empírico da sociedade se diferencia da arte pedagógica que seria um saber prático voltado ao melhor aproveitamento do potencial de cada aluno.

Palavras-chave: Positivismo. Ciência da Educação. Sociologia. Arte Pedagógica.

ABSTRACT

The article analyzes the educational aspect of the work of Emile Durkheim. Based on the book “Education and Sociology”,

is shown that Durkheim is primarily a sociologist analyzing education, which means that the central concern of the author is not to analyze education as a teaching technique for the improvement of individual students, but to identify the relationship between education and society as a whole and its operation. Durkheim’s vision of education is based on the pursuit of the collective good, because for the same society could not exist without uniformity among its members. For the author, education must perpetuate and reinforce this homogeneity by fixing in advance the child’s soul in certain essential similarities, claimed by collective life. Seen in this light education should receive the title of science. This science education that is based on empirical study of society differs from teaching art that would be a practical knowledge aimed at better utilization of the potential of each student.

Keywords: Positivism. Education Science. Sociology. Art Teaching.

Recebido em: 17/12/2013

Aceito em : 12/01/2014

1 INTRODUÇÃO

Que expectativa se tem ao ler uma obra sobre educação? Será que em geral esperamos uma análise sobre como exercer ou aprimorar o ofício de lecionar? Caminhando pela obra educacional de Durkheim, e em especial pelo livro “Educação e Sociologia”, devemos abrir mão desta pretensão, pois sua abordagem, apesar de tratar também deste tema em alguns momentos, não tem isto por objetivo primeiro ou foco central. Durkheim é, sobretudo, um sociólogo analisando o fenômeno da educação, já que, “a teoria da educação durkheimiana inspira-se na sua teoria sociológica geral.” (LOPES, 2013, p.5). O próprio Durkheim esclarece que, “como sociólogo, será de dentro da sociologia que vos falarei sobre educação”. (DURKHEIM, 1970, p.5). Quando Durkheim se pronunciou sobre educação, enfatizou, em regra, que, “não falaria das questões pedagógicas de forma doutrinária, ou psicológica ou moralista. Demonstraria como os fatos se apresentam, sob pressão das circunstâncias e do meio social”. (DURKHEIM, 2002b, p. 63, tradução nossa).

Na primeira parte do livro “Educação e Sociologia”, Durkheim expõe o lugar da educação dentro do sistema social. De modo que, ao falar de educação, ele está de fato interessado em discutir o funcionamento da sociedade em geral, já que, “se a pretensão do positivismo é regenerar a humanidade, a educação aparece como o ponto de unidade do sistema”. (BERGO, 1983, p. 56). Portanto, falar de educação vislumbrando a dimensão política e social é a divisa marcante da obra: “Educação e Sociologia”, obra que centraliza nossa análise. Neste livro se encontra o cerne da visão sobre educação de Émile Durkheim. Na segunda parte, da citada obra, ele se deterá um pouco mais no trabalho em si dos pedagogos e psicólogos e na função de lecionar. Sabemos que para melhor compreender o pensamento de um autor é relevante entendermos seu contexto histórico, social e político.

Émile Durkheim nasceu em 1858 em Epinal, no noroeste da França e faleceu em Paris, no ano de 1917, após a morte de seu único filho, dois anos antes, no front de Salonique, lutando pelo exército francês, durante a 1ª Grande Guerra Mundial. Discípulo de Kant e Augusto Conte, sua contribuição foi notável para a consolidação da sociologia enquanto ciência na França. Suas ideias transpuseram as fronteiras francesas, influenciando gerações de políticos, pesquisadores e educadores. A influência na educação através dos pressupostos de pedagogia tradicional, a utilização de seus princípios nas técnicas da produção em massa, bem como a edificação das bases do nazismo, são exemplos da afirmação anterior. (LUCENA, 2010, p. 297)

No final do século XIX, os positivistas, e dentre estes Durkheim, tem diante de seus olhos todos os problemas de uma sociedade europeia que já não é mais agrária e campestre. A complexidade acentuada das grandes cidades foi um dado que tomou a atenção de todos os grandes autores daquela época. O que estava acontecendo com o mundo ou com este novo mundo que nascia? Agora existem as grandes cidades ao invés dos pequenos burgos. Em tais cidades ficam latentes a violência, a grande população e a miséria. A falta de condições dignas sofrida pelas famílias de trabalhadores explorados é algo gritante. Aquela não era mais uma comunidade que se satisfazia simplesmente em viver os ditos tradicionais e as lições religiosas. A crise social é, por assim dizer, um elemento comum neste novo ambiente urbano. O capitalismo transformara a face da Europa colocando diante daqueles pensadores situações impensáveis antes daquele momento. Este é o contexto histórico de Émile Durkheim.

2 FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO EM DURKHEIM

2.1 Fundamentos filosóficos: a crítica ao liberalismo e ao individualismo

Acentuadamente nos séculos XVIII e XIX, a forma de produção capitalista transformou a sociedade europeia. Os problemas agora são outros diferentes dos de períodos anteriores. O ocidente, agora, não buscava somente

respostas para o pós-vida, mas a própria vida social pedia explicações. É dentro deste espírito que August Comte inicia a sociologia, que foi chamada inicialmente de física social, pois, “assim como há uma física da natureza, deve haver uma física do social, a Sociologia, que deve estudar fatos humanos usando procedimentos, métodos e técnicas empregadas pelas ciências da natureza.” (CHAUÍ, 1995, p.272). Para os positivistas era premente que se construísse uma forma de análise da sociedade que superasse a subjetividade do modo de pensar anterior, pois:

a filosofia teológica e a filosofia metafísica [...] devem ser expulsas [...]. Isto será feito principalmente pela interpretação básica do movimento social como necessariamente sujeito a leis físicas invariáveis, em lugar de ser governado por qualquer espécie de vontade. (COMTE, 1978, p.16).

Seria necessário, ao novo pensamento, precisão científica; informações seguras; levantamentos; dados materiais ao invés da mera especulação racional como na filosofia, afinal, “as ciências da sociedade, assim como as da natureza, devem limitar-se à observação e à explicação causal dos fenômenos, de forma objetiva”. (LOWY, 1998, p. 17). Os positivistas tiraram o laboratório de dentro das escolas politécnicas e o trouxeram para o meio da comunidade, pois pensavam que, “uma vez submetido o domínio das ciências humanas às disciplinas da ciência empírica, cessará a anarquia intelectual, e uma nova ordem institucional adquirirá estabilidade graças ao consenso” (BOTTMORE, 1988, p. 291). Aqui temos o ápice da mentalidade cientificista levantada em Descartes. É a ciência alçada ao patamar de rainha primaz do conhecimento.

Diante das ebulições sociais no século XIX se considera que exista uma crise no capitalismo, mas, para Durkheim, esta crise não aponta para o fim do sistema, como em Marx. A crise indica apenas que devemos organizar melhor esta sociedade nascente. Durkheim é um crítico do liberalismo, mas não do capitalismo, já que, “a ideologia positivista surgiu como defensora da sociedade burguesa em

ascensão e do desenvolvimento capitalista” (PESAVENTO, 1982, p. 67). Na verdade ele é um reformador do capitalismo, pois pensava que a resposta para a crise social neste sistema econômico partia da superação do paradigma liberal, ou seja, a resposta para a sociedade é coletiva e não individual. É interessante notar que, “a visão positivista era progressista e conservadora ao mesmo tempo, ou seja, pretendia conciliar o progresso econômico com a conservação da ordem social”. (PESAVENTO, 1982, p. 67).

Desde o início da modernidade o paradigma do individualismo tomou corpo no ocidente. O contratualismo colocou o indivíduo como a base do contrato social que fundava a sociedade. Rousseau, Kant, Hegel são pensadores que traziam de forma latente em seus sistemas a ideia do subjetivismo individualista. A ideia de indivíduo que até antes da modernidade estava apenas implícita na ética cristã passou a ditar o passo do pensamento filosófico e político. Uma característica forte do positivismo é contrapor-se a este paradigma individualista e neste sentido, “a sociologia durkheimiana ensina o respeito pelas normas coletivas” (ARON, 1991, p. 383). Diante disto não é demais lembrar que, “a norma, enquanto fato social só tem poder coercitivo e vigência na medida em que for aceita e seguida pelos membros que integram a sociedade” (FREITAG, 1984, p.54). A prioridade, para este autor, é da coletividade e não do indivíduo, portanto, o subjetivismo idealista não terá espaço em Durkheim.

A crítica ao liberalismo se apresenta com a demonstração da impossibilidade de concretização de uma sociedade mais avançada sob a lógica do individualismo. O individualismo, entende Durkheim, é o maior inimigo para a constituição e manutenção de uma sociedade das máquinas herdeira da primeira revolução tecnológica. A constituição de uma moral coletiva expressa na divisão social do trabalho manifesta pela solidariedade orgânica é entendida como grande desafio para o avanço de uma sociedade. (LUCENA, 2010, p. 295)

No pensamento durkheimiano filosofia e política não estão separadas, afinal, “o posi-

tivismo se compõe essencialmente duma filosofia e duma política, necessariamente inseparáveis, uma constituindo a base, a outra a meta dum mesmo sistema universal, onde a inteligência e a sociabilidade se encontram intimamente combinados.” (COMTE, 1988, p. 29). Ainda na crítica ao individualismo, Durkheim formula um fundamento filosófico central para sua tese. É a ideia de que o ser humano não é naturalmente bom e com fortes caracteres inatos como defende Rousseau, pois, para Durkheim, “a ação exercida pela sociedade, especialmente através da educação, não tem por objeto, ou por efeito, comprimir o indivíduo, amesquinhá-lo, desnaturá-lo, mas ao contrário engrandecê-lo e torná-lo criatura verdadeiramente humana”. (DURKHEIM, 1970, p. 36). Portanto, diferentemente de Rousseau, Durkheim não admite que a sociedade perverta ou degenera o homem, mas sim que é ela que o edifica e dá caracteres humanísticos, ou seja, “o homem não é humano senão porque vive em sociedade”. (DURKHEIM, 1970, p. 35).

2.2 Fundamentos psicológicos sobre o ser individual e o ser social

Para chegar à educação em Durkheim precisamos primeiro ter uma visão sobre algumas questões de ordem psicológica que para ele são fulcrais. É a partir desta discussão que podemos fazer a ligação direta entre uma análise mais geral sobre o homem e a sociedade e a discussão propriamente sobre educação. Neste ponto é possível remontar a discussão tão marcante na filosofia clássica sobre **inatismo** e **empirismo**. Aqui é possível perceber, em Durkheim, a influência de Kant com sua mediação entre empirismo e inatismo. É a este entendimento que Durkheim vai recorrer ao traçar uma visão sobre a *psique* humana. Para ele existe em nossa personalidade tanto algo de inato e natural, como uma parte empírica e cultural. Durkheim pensa que exista em cada pessoa um *ser individual* e um *ser social*.

Em cada um de nós, já o vimos, pode-se dizer que existem dois seres. Um, constituído de todos os estados mentais que não se relacionam senão conosco mesmo e com os acontecimentos de nossos de nossa vida pessoal; é o que se poderia chamar de ser individual. O outro é um sistema de ideais, sentimentos e de hábitos, que exprimem em nós, não a nossa personalidade, mas o grupo ou os grupos diferentes de que fazemos parte; tais são as crenças religiosas, as crenças e as práticas morais, as tradições nacionais ou profissionais, as opiniões coletivas de toda a espécie. Seu conjunto forma o ser social. (DURKHEIM, 1970, p. 32)

É a partir da prevalência da segunda parte sobre a primeira que se monta sua teoria sociológica e educacional. Para o autor em tela os caracteres inatos presentes no indivíduo são apenas básicos e incapazes de dar uma maior direção ao ser, portanto, “as predisposições inatas do homem são muito gerais e muito vagas”. (DURKHEIM, 1970, p. 39). Durkheim defende que, “afirmar que os caracteres inatos são, na maior parte, de ordem geral, é afirmar que eles se apresentam maleáveis, flexíveis, muito dóceis, podendo receber determinações muito variadas”. (DURKHEIM, 1970, p. 40). Ou seja, aquilo que trazemos como herança natural não é suficiente para estruturar nossa personalidade e nossa vida social. Para que possamos formar um espírito inteligente e preparado para a vida social é preciso, além da herança natural uma herança cultural ou social.

A formação do indivíduo enquanto ser social e humanizado depende fundamentalmente do aprendizado repassado pela cultura e pela sociedade ou pela linguagem. Durkheim concebe que, “aprendendo uma língua, aprendemos todo um sistema de ideias, organizadas, classificadas, e, com isso, nos tornamos herdeiros de todo o trabalho de longos séculos, necessário a essa organização”. (DURKHEIM, 1970, p. 36). É a partir deste ponto que entramos na discussão sobre educação. A educação será um dos polos transmissores da cultura. A educação será um instrumento de repasse de toda a herança deixada pelo pensamento da sociedade.

Devemos anotar aqui que este é um tema de grande controvérsia política, pois Durkheim, ao invés de questionar o arcabouço

cultural e ideológico recebido, vai referendar este conjunto ideológico e afirmar que ele é importante e positivo para a sociedade. Ele ensina que, “a imposição de tal arcabouço cultural não é tirania”. (DURKHEIM, 1970, p. 35). Ocorre que todas as vertentes das teorias críticas que se avolumarão no século vinte terão visões opostas a de Durkheim, pois entenderão, como em Marx, que este arcabouço cultural guarda muito conteúdo ideológico e próprio a um sistema de dominação. Aquilo que em Durkheim é concebido como uma virtude é visto por outros como algo nefasto.

3 A CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO EM DURKHEIM

3.1 A ciência da educação e a sociologia

Após a demonstração destes antecedentes podemos agora tratar diretamente sobre a educação. Ainda que, em Durkheim, tratar sobre educação seja, na verdade, falar de sociologia, como já explicamos. Expusemos acima que, para Durkheim a, “sociedade não poderia existir sem que houvesse em seus membros certa homogeneidade: a educação perpetua e reforça essa homogeneidade, fixando de antemão na alma da criança certas similitudes essenciais, reclamadas pela vida coletiva”. (DURKHEIM, 1970, p. 31). Precisamos deste conceito, pois é a partir deste ponto que Durkheim consigna seu conceito de “educação”.

A educação não é, pois, para a sociedade, senão o meio pelo qual ela prepara, no íntimo das crianças, as condições essenciais da própria existência. [...] A educação é a ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não encontrem ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial e que a criança, particularmente, se destine. (DURKHEIM, 1970, p. 32).

Na obra “Educação e Sociologia”, para fundamentar sua opinião, Durkheim efetua

uma análise histórica na qual discorre sobre os modelos educacionais desde a Grécia Clássica, passando pelo Império Romano e chegando à educação Católica na Idade Média. A conclusão de Durkheim é a de que em cada um dos contextos históricos expostos existiu um modelo educacional que serviu de base para o funcionamento daquele determinado modelo social e político. A educação grega era voltada a formar o cidadão que vive em coletividade e aprecia a especulação a arte e o belo. A educação romana formava o guerreiro forte e combatente, pronto para viver e morrer por Roma. A educação cristã na Idade Média formava religiosos que, por sua vez, repassavam aos demais, conceitos fundados na religião cristã.

Durkheim arremata seu raciocínio dizendo que, “se a educação romana tivesse tido o caráter de individualismo comparável ao nosso, a cidade romana não se teria podido manter”. (DURKHEIM, 1970, p. 27). O que o autor está asseverando é que o conceito de “educação” está intimamente ligado à manutenção do modelo social e político vigente. A educação neste sentido não seria algo desligado e independente do todo social, pelo contrário a educação deve ser um instrumento a serviço do modelo social em funcionamento. Esta é, aliás, uma intenção geral do próprio positivismo já que, este, tendo, “a ordem por base [...] tende poderosamente, por sua natureza, a consolidar a ordem pública, através do desenvolvimento de uma [...] resignação”. (MORAIS FILHO, 1983, p. 31).

Agora podemos entender claramente o sentido da crítica efetuada por Durkheim ao liberalismo-individualismo. Ao desferir tal crítica o autor está preparando o ambiente para sua visão de sociedade, e por consequência sobre educação. Acreditar na força individual, na ótica deste sociólogo, é antiproducente para encontrar a verdadeira essência da educação, pois ela não está em estratégias de aprendizagem que se fundem na busca ou no reforço aos caracteres individuais. A educação significa exatamente o contrário, representa inserir este indivíduo naquilo que existe de comum na sociedade.

Cada sociedade considerada em momento determinado de seu desenvolvimento possui um sistema de educação que se impõe aos indivíduos de modo geralmente irresistível. É uma ilusão acreditar que podemos educar nossos filhos como queremos. Há costumes com relação aos quais somos obrigados a nos conformar; e se os desrespeitarmos, muito gravemente, eles se vingarão em nossos filhos. (DURKHEIM, 1970, p. 28).

De fato, como antes anunciamos, é difícil distinguir o que é sociologia e o que é propriamente educação em Durkheim, pois as duas coisas estão umbilicalmente ligadas em sua tese. Uma é reflexo direto da outra. Para sermos agora, ainda mais diretos devemos dizer que para Durkheim a educação se relaciona, sobretudo com a reprodução cultural; política; econômica e ideológica de uma dada sociedade, já que, “quando se estuda historicamente a maneira pela qual se formaram e se desenvolveram os sistemas de educação, percebe-se que eles dependem da religião, da organização política, do grau de desenvolvimento das ciências, do estado das indústrias, etc.” (DURKHEIM, 1970, p. 28).

É dentro da lógica acima explicitada que Durkheim pensa o trabalho do educador. Refutando o estereótipo do mago-encantador (supostamente presente em Rousseau), Durkheim dá um tom pragmático ao papel do mestre. Sendo coerente com seus fundamentos Durkheim impõe ao professor o papel de repassador de todo o manancial da cultura vigente. Em Durkheim o esforço educacional não seria o de potencializar as virtudes do aluno, mas por meio da autoridade impor-lhe o saber já pré-definido pela sociedade. É desta forma que ele nos expõe, “qual seja o meio essencial da ação educativa [...] é a autoridade que lhe advém das circunstâncias [...] a educação deve ser um trabalho de autoridade”. (DURKHEIM, 1970, p. 42). Durkheim pensa que, “as paixões humanas só se detêm diante de uma força moral que elas respeitam. Se qualquer autoridade desse gênero inexistente, é a lei do mais forte que reina”. (DURKHEIM, 2004, p. 42).

3.2 A educação, a divisão do trabalho e a solidariedade orgânica

Outro ponto central sobre a educação em Durkheim é a relação existente entre a divisão do trabalho e a consequente divisão dos sistemas de educação. Para este sociólogo, “não existe sociedade na qual o sistema de educação não apresente o duplo aspecto: o se ser, ao mesmo tempo, uno e múltiplo”. (DURKHEIM, 1970, p. 29). O termo múltiplo, presente na citação anterior, se relaciona exatamente com duas categorias sociológicas centrais em Durkheim: divisão do trabalho e solidariedade orgânica.

Começemos por uma breve explicação da ideia de divisão do trabalho que segundo o autor em debate, tem a função social primaz de criar as regras da própria convivência social, sendo que, “do mesmo modo que as similitudes sociais dão origem a um direito e a uma moral que as protegem, a divisão do trabalho dá origem a regras que asseguram o concurso pacífico e regular das funções divididas (DURKHEIM, 2004, p. 54). Ou seja, a diversidade das profissões, ou funções do trabalho na produção dos bens econômicos, cria um caldo cultural que finda por ensejar na sociedade compensações mútuas. A divisão do trabalho estabelece um equilíbrio entre os membros da sociedade. Neste jogo social cada um oferece algo e precisa de algo e é isto que, segundo Durkheim, finda criando regras de convivência pacífica.

Por sua vez solidariedade orgânica nasce a partir da divisão do trabalho, pois, “a divisão do trabalho produz a solidariedade, [...] porque ela cria entre os homens todo um sistema de direitos e deveres que os aliam uns aos outros de maneira duradoura.” (DURKHEIM, 2004, p. 55). É esta solidariedade orgânica que instrumentaliza a funcionalidade de uma sociedade avançada, segundo Durkheim, ou seja, é por meio da solidariedade orgânica que a sociedade se organiza e consegue manter-se harmônica. É a necessidade que uns tem dos outros que cria a harmonia do todo. A educação entra neste ponto por viabilizar a diver-

sidade das profissões. Ou seja, sem uma educação múltipla não ofertaremos à sociedade as variadas funções da produção econômica, ou seja, não teremos aquilo que gera a colaboração. Somente um ambiente de diversidade ensinará a solidariedade, pois se todos forem iguais não poderão se compensar mutuamente, como imagina Durkheim. Para ele é o fato de fornecermos funções, produtos e serviços diferentes que nos põe dentro de um mesmo contexto, tal seja o de precisarmos uns dos outros. Observemos esta ideia pelas palavras de Durkheim.

Vejamos como ele é múltiplo. Em certo sentido, há tantas espécies de educação, em determinada sociedade, quantos meios nela existirem. É ela formada de castas? A educação varia de uma casta para outra; a dos *patrícios* não era a dos plebeus; a dos brâmanes não era a dos sudras. Da mesma forma, na Idade Média, que diferença de cultura entre o pajem, instruído em todos os segredos da cavalaria, e o vilão, que ia aprender na escola da paróquia, quando aprendia, poucas noções de cálculo, canto e gramática! Ainda hoje não vemos que a educação varia com as classes sociais e com as regiões? A da cidade não é a do campo, a do burguês não é a do operário. (DURKHEIM, 1970, p. 29-30)

Eis aí, portanto, a explicação durkheimiana para a distinção dos sistemas educacionais e porque tais sistemas acabam por reproduzir uma divisão social e econômica presentes na sociedade. Durkheim não é cego diante deste problema, pelo contrário, ele sabe que seu ponto de vista pode sofrer questionamentos: “dir-se-á que esta organização não é moralmente justificável, e que não se pode enxergar nela senão um defeito, remanescente de outras épocas e destinado a desaparecer. A resposta a esta objeção é simples”. (DURKHEIM, 1970, p. 30). Vejamos o que o autor apresenta como resposta à questão.

Claro está que a educação das crianças não devia depender do acaso, que as fez nascer aqui ou acolá, destes pais e não daqueles. Mas, ainda que a consciência moral de nosso tempo tivesse recebido, acerca desse ponto, a satisfação que ela espera, ainda assim a educação não se tornaria mais uniforme e igualitária. E, dado mesmo que a vida de cada criança não fosse, em grande parte, predeterminada pela hereditariedade, a diversidade moral das profissões não deixaria de acar-

retar, como consequência, grande diversidade pedagógica. Cada profissão, constitui em meio *sui-generis*, que reclama aptidões particulares e conhecimento especiais, meio que é regido por certas ideias, certos usos, certas maneiras de ver as coisas; e, como a criança deve ser preparada em vistas de certa função, a que será chamada a preencher, a educação não pode ser a mesma, desde certa idade, para todos os indivíduos. (DURKHEIM, 1970, p. 30)

Complementando sua linha de raciocínio, Durkheim a firma algo grandemente controverso.

[...] vemos, em todos os países civilizados, a tendência que ela manifesta para ser, cada vez mais, diversificada e especializada; e essa especialização, dia a dia, se torna mais precoce. A heterogeneidade, que assim se produz, não repousa como aquela de que há pouco tratamos, sobre injustas desigualdades; todavia não é menor. (DURKHEIM, 1970, p. 30).

Na leitura de Durkheim a heterogeneidade, supracitada, das profissões não incorre em desigualdades sociais. Esta é mais uma tese controversa de Durkheim e, inclusive, bate novamente de frente com outra vertente da sociologia, tal seja a marxista que afirma exatamente o contrário.

3.3 A ciência da educação versus a arte da pedagogia

Acima vimos Durkheim dizer que a educação, “é a ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social” (DURKHEIM, 1970, p. 32). Durkheim esclarece ainda que a educação tem por objetivo, “suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial e que a criança, particularmente, se destine.” (DURKHEIM, 1970, p. 32). Para Durkheim esta é a definição da ciência da educação. Mas por uma questão de coerência acadêmica, “para que alguém afirme a cientificidade de uma tese, deve esclarecer seu método”. (DURKHEIM, 2002a, p. 36). Desde Aristóteles os critérios adotados para

conferir cientificidade a um saber eram, “objeto de estudo determinado, método adequado e mínimo rigor terminológico”. (MAGALHÃES FILHO, 2004, p. 35). Sobre isto Durkheim se pronuncia da seguinte maneira:

Tratamos acima de dois grupos de problemas, cujo caráter puramente científico não pode ser contestado. Uns são relativos à gênese, outros ao funcionamento dos diversos sistemas de educação. Em todas essas pesquisas, trata-se simplesmente de descrever coisas presentes ou passadas, ou de pesquisar-lhe as causas e determinar-lhe os efeitos. Elas constituem uma ciência, e eis o que é, ou melhor, o que poderá ser a ciência da educação. (DURKHEIM, 1970, p. 50)

Estando claramente definida a ideia sobre educação científica em Durkheim, resta-nos ainda saber se ele se calou sobre o pensamento de outros autores que falaram sobre educação. Ou seja, a tese educacional de Durkheim já está clara, mas e os demais conceitos educacionais, podem ser analisados sob a sua ótica? Durkheim não foge a tal análise e na mesma obra, “Educação e Sociologia”, faz a análise da obra de autores da área pedagógica. São teses educacionais então vigentes naquele contexto do fim do século XIX.

Como o escritor sagaz que foi, ele toma o pensamento anterior como tese para a sua antítese. Seu estudo versa sobre as opiniões educacionais de Stuart Mill; Kant; James Mill, Pestalozzi e Spencer. Emitindo juízo sobre as definições educacionais destes autores afirma que, “elas partem do postulado de que há uma educação ideal, perfeita, apropriada a todos os homens, indistintamente; é essa educação universal a única que o teorista se esforça por definir”. (DURKHEIM, 1970, p. 27) Para Durkheim, portanto, o erro dos pensamentos anteriores era o de conceber uma educação ideal, que tivesse aplicação universal independente do tempo e do local. Para ele isto não seria a ciência da educação, mas sim a arte da pedagogia.

Para Durkheim seria preciso estabelecer esta diferenciação fundamental entre pedagogia e educação. O principal erro dos autores citados foi, como já se disse, o de estar falando de

pedagogia, enquanto pensavam estar tratando sobre educação. Para Durkheim, “a pedagogia é coisa bem diversa da ciência da educação”. (DURKHEIM, 1970, p. 51).

[...] as teorias chamadas pedagógicas são especulações de gênero muito diverso. Seu objetivo não é o de descrever ou explicar o que é o que tem sido, mas de determinar o que deve ser. Não estão orientadas nem para o presente nem para o passado, mas para o futuro. Não se propõem a exprimir fielmente certas realidades, mas a expor preceitos de conduta. Elas não nos dizem: eis o que existe e por que existe. Mas, sim: eis o que será preciso fazer. Aliás os teoristas da educação não falam das práticas tradicionais do presente e do passado senão com desdém quase sistemático. (DURKHEIM, 1970, p. 50).

Durkheim define a pedagogia não como uma ciência. Afinal ela não se enquadra no conceito de ciência exposto pelo autor. Para ele, “a pedagogia é assim uma teoria prática. Ela não estuda cientificamente os sistemas de educação; reflete, mais ou menos profundamente, sobre tais sistemas, no sentido de fornecer ao educador uma visão teórica que o dirija.” (DURKHEIM, 1970, p. 52). Ou seja, a pedagogia é uma arte ou saber prático que deve servir para auxiliar a ciência da educação.

Já vimos que a pedagogia não é a educação e não pode tomar o lugar dela. Seu papel não é substituir a prática educativa, mas guiá-la, esclarecê-la, auxiliá-la, remediando as lacunas que venham a produzir-se, e corrigindo as insuficiências que venham a ser observadas. O pedagogo não tem, portanto, que construir de modo completo um sistema de ensino, como se nada existisse antes dele; será preciso, ao contrário, que ele se aplique, antes de tudo, em conhecer e em compreender o sistema de seu tempo. (DURKHEIM, 1970, p. 55)

Diferente de um pensamento autônomo a arte da pedagogia deve se guiar pelos conceitos revelados pela ciência da educação. A pedagogia vai auxiliar a educação, mas são os pressupostos elencados pela educação que deverão guiar o esforço pedagógico, “pois, é ao estudo da sociedade que o pedagogo deve voltar-se, pois somente nele encontrará a razão de ser de suas especulações.” (DURKHEIM, 1970, p. 73).

4 CONCLUSÃO

Às vezes precisamos ser diretos e óbvios para dizermos coisas úteis. Penso que devemos olhar com restrições a definição de educação de Durkheim. A crença de que a educação signifique o simples repasse dos elementos culturais da sociedade vigente é uma tese desprovida de visão crítica, implicando isso em problemas fulcrais. Conceber a cultura vigente sem nenhum filtro crítico é olvidar de toda a problemática existente em uma sociedade dividida em classes na qual a desigualdade e a exploração são gritantes. Penso que tal crítica não possa ser omitida quando pensamos a obra de Émile Durkheim. Sabemos através de Marx; Escola de Frankfurt; Foucault e outros, que a ideologia social é repassada exatamente para instrumentalizar o domínio político, econômico e social de uma classe social privilegiada. Por mais que sejam elementares estas observações, não poderíamos deixar de fazê-las diante de uma questão tão polêmica.

Vimos que Durkheim é um sociólogo a falar sobre educação, mas é possível que parte do seu pensamento educacional seja questionado exatamente por isso. Ou seja, Durkheim construiu um pensamento educacional a partir de uma visão sociológica, mas se esta visão sociológica estiver comprometida, consequentemente sua visão educacional, ao menos em grande parte, também estará comprometida. Fazemos esta análise tendo em mente a ideia de divisão do trabalho e de solidariedade orgânica. Durkheim parte do pressuposto que tal divisão do trabalho, “não repousa [...] sobre injustas desigualdades.” (DURKHEIM, 1970, p. 30). Como já assinalamos este constructo durkheimiano é grandemente controverso e vai de encontro ao escopo da tradição crítica que afirma exatamente o contrário do que pretende Durkheim. Portanto, se o pensamento crítico estiver correto e a tal divisão do trabalho estiver mesmo montada sobre grande desigualdade e injustiça social, então o sistema educacional de Durkheim estará defendendo a reprodução desta desigualdade. Será meramente um instrumento ideológico a serviço

do status quo. É preciso, portanto, que observemos com reservas, também, este aspecto da obra deste autor.

Mas, apesar de tudo o que foi dito acima, sua contribuição, ao campo educacional não pode ser negada. A obra de Durkheim, “esteve presente de forma marcante no ideário das escolas e na luta a favor do ensino leigo das ciências e contra a escola tradicional humanista religiosa. O currículo multidisciplinar – fragmentado – é fruto da influência positivista”. (ISKANDAR; LEAL, 2002, p.89). Segundo o professor Dermeval Saviani, outro exemplo da contribuição do autor está na:

elaboração, adoção e socialização dos Parâmetros Curriculares Nacionais [...] uma grande conquista para a educação brasileira. Houve padronização na indicação dos conteúdos curriculares e uma clara demonstração do que o governo espera dos jovens que deixarão os bancos escolares nos próximos anos. (FERRARI, 2008, p. 02)

O paradigma durkheimiano de buscar o coletivo e não o individual encetou na mentalidade educacional o aspecto de trabalhar visando a coletividade. Ainda de acordo com o, “professor Demerval Saviani, da Unicamp, esse fato tem relação com as concepções de Durkheim.” (DURKHEIM, 1970, p. 3). Saviani explica que, “os currículos são sugeridos para todos. Esses documentos mostram as necessidades da sociedade. Agora, cabe aos estabelecimentos de ensino pegar essas indicações e moldá-las aos estudantes”. (DURKHEIM, 1970, p. 3). Na verdade é possível que de todos os grandes autores possamos tomar-lhes algumas ideias enquanto outras ficam pra trás. Assim, ocorre com Durkheim, pois ainda que suas teses sejam, em parte, refutadas, algumas sementes de seu pensamento germinaram frutos que ainda hoje estão vivos na seara educacional.

REFERÊNCIAS

ARON, R. *As etapas do pensamento sociológico*. Lisboa: Dom Quixote, 1991.

BERGO, A. C. O positivismo: caracteres e influência no Brasil. **Reflexão**, Campinas, ano 08, n. 25, p. 47-97, jan./abr. 1983.

BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

COMTE, A. **Curso de filosofia positiva**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. **Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1970.

_____. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2002a.

_____. **Levolution pédagogique en France**. Québec: Bibliotheque de Université Du Québec, 2002b.

FERRARI, Márcio. Émile Durkheim, o criador da sociologia da educação. **Nova escola**, São Paulo, p. 01-04, jul. 2008. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/criador-sociologia-educacao-423124.shtml>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

FREITAG, B. **Escola, estado e sociedade**. São Paulo: Moraes, 1984.

ISKANDAR, J. I. LEAL, M. R. Sobre positivismo e educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 3, n.7, p. 01-06, set./dez. 2002.

LOPES, P. C. **Educação, sociologia da educação e teorias sociológicas clássicas: Marx, Durkheim e Weber**. Lisboa. 2012. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/lopes-paula-educacao-sociologia-da-educacao-e-teorias-sociologicas.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2013.

LOWY, M. **As aventuras de Karl Marx contra o barão de Munchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. São Paulo: Cortez, 1998.

LUCENA, C. O pensamento educacional de Émile Durkheim. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n.40, dez. 2010.

MAGALHÃES FILHO, G. B. **Hermenêutica e unidade axiológica da constituição**. Belo Horizonte: Mandamentos, 2004.

MORAIS FILHO, E. **Augusto Comte: sociologia**. Rio de Janeiro: Ática, 1983.

PESAVENTO, S. J. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.